

Conjugalidade, gênero e sexualidade: um estudo sobre a produção bibliográfica francesa

Leandro Castro Oltramari

Introdução

Este artigo pretende discutir a partir da literatura francesa as mudanças na sexualidade no casal contemporâneo. Para isto, primeiro abordarei as conjugalidades e sexualidade e as transformações sociais e políticas ocorridas a partir da contemporaneidade. Após, apresentarei as mudanças nos laços amorosos e sexualidade a partir da reflexividade contemporânea. Depois, abordarei as novas formas de conjugalidade como a chamada sexualidade recreativa. A seguir, apresento minhas considerações finais sobre o trabalho realizado a partir da literatura francesa.

Os estudos de gênero têm ampliado consideravelmente as discussões que vão do escopo político ao campo da sexualidade (REBREYEND, 2003; ELIAS e SCANDOLA, 2008). Dentro deste universo, os estudos sobre as conjugalidades têm tido aumento considerável principalmente com as novas formas de configurações familiares e sobre as relações amorosas (BOZON, 2005; REBREYEND, 2005; BRUXEL, 2005).

A discussão sobre sexualidade nos últimos anos tem se ocupado de parcela significativa dos estudos sobre conjugalidade (ARAÚJO, 2002; HEILBORN, 2004; BOZON, 2004, 2001; LERIDON, 2008 entre outros). As mudanças relativas à sexualidade têm refletido também nas novas configurações sociais presentes na modernidade (GIDDENS, 1993; BAUMAN, 2004; BOZON, 2004).

[VOLTA AO SUMÁRIO]

As estudiosas e estudiosos de gênero têm realizado discussões sobre as implicações das relações de gênero no interior das novas configurações de conjugalidade. Entendemos aqui neste artigo a conjugalidade como

[...] uma forma possível de gestão compartilhada da sexualidade e dos afetos, onde ideologias e práticas diversas de amor conjugal e de gênero se expressam e realizam positivamente, um lócus ou uma cena onde se situam as trocas afetivas, sexuais e cognitivas entre os gêneros (MATOS, 2000, p. 163).

Estas conjugalidades, ao contrário da união pautada no casamento cristão, estão cada vez mais atreladas a uma vivência maior do companheirismo e de uma valorização da sexualidade. Por exemplo, vão ficando cada vez mais comuns nas publicações dos estudos de gênero segundo Michel Bozon (2004) e Marlise Matos (2000), vivências de casais que mesmo com relações estáveis vivem em casas separadas, ou vivem suas sexualidades de forma mais liberal em relação ao parceiro, ou formas ainda pouco conhecidas, mas que existem cada vez mais em nosso meio, como a chamada troca de casais (VON DER WEID, 2007, 2008, 2010).

Em texto de Luis Fernando Duarte (2009) – intitulado *Família, moralidade e religião* – o autor reflete sobre a mudança em diversos valores, inclusive na sexualidade conjugal, a partir de uma série de oposições de valores como religião, família e moralidade e, principalmente, sexualidade na modernidade. O autor destaca três questões interessantes sobre isto,

a) há formas de conjugalidade diferentes de modelos tradicionais, contrastando com outras que reforçam padrões de casamento tradicionais;

b) existe um aumento da individualização da sexualidade, ao mesmo tempo em que existe uma ampliação sobre o controle da mesma.

c) não existe diferenciação sobre as moralidades entre camadas sociais. Tanto as camadas médias quanto populares podem oscilar entre estes padrões.

Uma pista interessante sugerida por Duarte e que pode contribuir com as pesquisas sobre essa temática é que, independentemente

diferenciações sociais, o processo de individualização também é importante presença na constituição da singularidade de camadas sociais de baixa renda. Fato este muitas vezes negligenciado por pesquisadores que diferenciam as classes sociais pelas distâncias socioeconômicas entre elas.

Ainda com respeito à discussão sobre a importância dos fenômenos de individuação nas relações de gênero, Myriam Barros (2009), em pesquisa com três gerações distintas de mulheres, identificou transformações com relação a seus comportamentos. Uma das mudanças, segundo a autora, foi sobre a compreensão de conjugalidade para as mulheres entrevistadas, que se diferenciou a partir das gerações das pesquisadas. A autora caracterizou tensões entre os grupos pesquisados, principalmente atrelados às diferenças geracionais. O processo de individualização foi fundamental para que as entrevistadas pudessem estabelecer novas relações com seus parceiros, assim como com suas famílias. A pesquisadora compreendeu, assim, que quanto mais avançado o processo de individuação das entrevistadas, maiores eram as condições delas transformarem suas relações com os parceiros.

Vale apontar que as discussões sobre a conjugalidade no mundo contemporâneo passam por leituras que refletem criticamente sobre o discurso amoroso. Estudos de Bozon (2004), Sharman Levinson (2001), Leandro Oltramari (2009) e Leandro Oltramari e Miriam Grossi (2010) têm procurado compreender o amor a partir de uma leitura social, caracterizando-o como fenômeno devidamente socializado e não produzido a partir de uma individualidade descomprometida com o mundo social. Assim, o amor será percebido como uma forma de comunicação específica (LUHMANN, 1990) dentro do universo da conjugalidade, que configurará práticas sociais relacionadas. Portanto, a partir de uma menor hierarquização das relações de gênero no interior da vida conjugal se faz importante compreender como se estruturam as relações amorosas sexuais na vida dos casais. Ana Neves (2007) aponta que em estudo de Buss (1989) homens foram identificados como mais preocupados com a manutenção da relação conjugal no seu início e as mulheres com a manutenção desta relação posteriormente. Assim, existem talvez algumas características que devem estar relacionadas às

identidades de gênero que têm influenciado as relações de conjugalidade. Neste artigo, pretendo refletir como a gestão da sexualidade tem sido organizada no interior de relações de conjugalidade na literatura francesa.

Cabe ressaltar que os estudos já desenvolvidos na França são de fundamental importância para problematizar a forma como esses fenômenos têm se dado no Brasil, que possui características religiosas e de sexualidade heterogêneas àquele país. (BOZON e HEILBORN, 2001).

O projeto de pesquisa CAPES-COFECUB intitulado “*Gênero, sexualidade e parentesco: um estudo comparativo entre França e Brasil*”, que inspirou este artigo, pretendeu fazer um levantamento desses estudos para compreender como essas relações se estabelecem França. Este trabalho é fruto da pesquisa resultante de meu pós-doutorado realizado na Universidade de Le Mirail em Toulouse, França. Ele pretende, junto com os outros trabalhos realizados através desse convênio, fazer um elo entre os estudos já realizados sobre o tema no Brasil e na França e contribuir com outros que se efetivarão na articulação das pesquisas científicas desse projeto entre os dois países. Isto porque já existem na França (BOZON e HEILBORN, 2001; BOZON, 2004; CHAUMIER, 2004) assim como no Brasil (MATOS, 2000; VON DER WEID, 2007; DUARTE, 2009) pesquisas que tratam sobre a temática e articulam as transformações da sexualidade no âmbito da conjugalidade, focadas nas formas como estas têm sido gestadas no interior da família. Assim, este trabalho se propõe a fazer uma revisão de literatura, buscando: identificar as características das relações de conjugalidade nos estudos franceses, na perspectiva dos estudos de gênero e sistematizar as informações sobre os estudos sobre sexualidade nas publicações científicas a partir de três categorias: a) conjugalidade; b) relações de gênero; c) práticas sexuais.

A conjugalidade e sexualidade a partir das transformações sociais e políticas.

Dos artigos pesquisados, a maioria se concentrou entre o que denominamos de discussões sobre a sexualidade atreladas às mudanças sociais,

econômicas e políticas. Dentre esses vários estudos, um deles foi analisado mesmo sendo elaborado em inglês por se tratar de uma pesquisa realizada entre USA e França (GAGNON, GIAMI, MICHELS e COLOMBY, 2001).

As mudanças sociais nos relacionamentos de conjugalidade na França vêm sendo descritas por autoras como Sylvie Chaperon (2002) e Maryse Jaspard (2005). Para esta última, o casamento a partir da Idade Média foi perdendo a perspectiva religiosa. Ela aponta a importância do casamento por amor que se consolidou entre o final do século XIX e metade do século XX, e a prática do flerte se consolidando entre homens e mulheres. Assim a discussão primordial para a autora é sobre as mudanças no casamento a partir da década de 50. Ela centraliza sua discussão principalmente sobre a mudança de comportamento das mulheres, que antes tinham no casamento a única possibilidade de ascensão social. Hoje, principalmente para as mulheres o casamento é percebido como uma escolha realizada a partir de características identitárias identificadas como homogamia .

No mundo contemporâneo, o casal, através do amor recíproco, funda a construção de si mesmo (KAUFFMAN, 2003). Isto vai ser analisado por Jaspard (2005) e Jessica Scale (1989) a partir do momento quando a sexualidade se desliga da reprodução para o casal e passa a existir uma igualdade maior nas relações de conjugalidade. Desta forma, desvinculada da reprodução, a conjugalidade passa a ser percebida como construtora da intimidade para o casal. (DELBÉS e GAYMU, 1997). Essa perspectiva é também assumida por Jacques Marquet, Philippe Huyenen e Alexis Ferran (1997) e Patrick Simon (2002). Os primeiros apontam que a conjugalidade é construída em um conjunto de relações que são favorecidas por redes como: família, amigos e colegas de trabalho. Estas serão importantes, inclusive pela sua participação nas discussões sobre conjugalidade com o próprio casal. Já Simon em entrevista com Michel Bozon, aponta que a sexualidade corresponde a uma interiorização que produz um aprofundamento das exigências sociais principalmente motivadas a partir das relações de gênero. Assim, para estes autores as mudanças sociais são fundamentais para as transformações nas relações de conjugalidade.

Essas mudanças são citadas como controle da natalidade e mudanças em torno da sexualidade nas pesquisas de Charles-Henry Latour (2001), Marquet e Huyen (1997), Jessica Scale (1989), Yvonne Knibiehler (2003), Laurent Toulemon (1994; 1995). Nesses trabalhos existe uma clara importância sobre a discussão do controle sobre a natalidade e sua relação com as mudanças na conjugalidade e relações de gênero. A maior capacidade de poder fazer um controle sobre o próprio corpo para as mulheres, ou ainda, um projeto de família com filhos ou sem eles, tem sido uma característica dos estudos que apontam a filiação e a mudança de visão em relação a ela como um ponto crucial nas transformações referentes à conjugalidade.

Por exemplo, Touleman (1994) acredita que casais não casados que possuem filhos têm maior chance de separação que casais casados. E casais que possuem apenas um filho com menos de seis anos têm menos chance de separação, mas quando essa criança tem seis anos e o casal não tem mais filhos, essa chance aumenta como nos casais sem filhos. Assim ter ou não filhos pode gerar transformações nas dinâmicas conjugais, podendo ou não fazer com que as pessoas se divorciem. Ele aponta que entre os anos 60 e 80 aumentou o número de casais que têm filhos sem ter um casamento formal. Ou seja, os filhos não dependem mais de um casamento formal, esses podem e são resultados de um projeto de vida de um casal, ou mesmo de uma pessoa solteira.

Estas mudanças são também apresentadas quanto às práticas sexuais. Ou seja, um controle maior sobre a natalidade faz com que as pessoas desempenhem de forma mais livre a sexualidade. Os estudos têm demonstrado isto. Uma pesquisa realizada entre Estados Unidos e França com casais entre 18 e 59 anos de idade realizada por Gagnon, Giami, Michaels e Colomby (2001) identificou que os 3.432 pesquisados nos Estados Unidos e 4480 na França querem ter relacionamento de conjugalidade, pois para esses autores esse é o maior predicativo de ter relacionamento sexual. Ou seja, ter um relacionamento de conjugalidade entre jovens garante, para quem o tem, uma quase garantia de relacionamento sexual. Os franceses mantêm mais relacionamento sexual com os parceiros que os norte

americanos. Mas nos dois países o sexo diminui com a idade. Ou seja, a idade mais avançada foi fazendo com que práticas sexuais fossem também sendo diminuídas. Esses resultados também foram apontados pelas pesquisas de Danielle Quinodoz (2010) em relação ao envelhecimento e às mudanças das práticas sexuais no contexto da conjugalidade. As duas pesquisas dessa autora foram realizadas em contexto de terapia de casal, buscando discutir o ajustamento do casal à sua nova realidade. Mas vale a pena relativizar estes dados, pois em pesquisa de Delbès e Gaymu (1997) se identificou que atualmente pessoas idosas possuem uma vida sexual mais ativa do que a dos casais idosos de vinte anos atrás. E elas apontam que uma situação importante para a diminuição das atividades sexuais na velhice tem clara relação com a saúde. Como existe uma forte medicalização da saúde sexual principalmente através de medicamentos como o Viagra, é possível ampliar a sexualidade de pessoas idosas (BOZON, 2004).

A discussão sobre práticas sexuais e tempo de relacionamento também é abordada como um dificultador, pois de acordo com Gagnon, Giami, Michaels e Colomby (2001) houve um decréscimo em determinados tipos de práticas sexuais, como sexo oral, quando os parceiros já estavam em conjugalidade. Ou seja, tiveram mais prática de sexo oral quem esteve em relacionamentos sem conjugalidade. Estes indicadores podem ser uma clara demonstração da muitas vezes discutida falta de desejo sexual quando da institucionalização dos relacionamentos. Ou seja, a institucionalização faz com que determinadas práticas no interior do casal diminuam ou mesmo desapareçam. Isto muitas vezes tem relação com os modelos de relacionamento estabelecido pelo casal.

No estudo de Marquet, Huyenen e Ferran (1997) as relações sexuais dependem de um conjunto de outras relações entre os parceiros. A pesquisa dos autores estudou como os casais percebiam suas relações. E em qual medida os modelos de casais que eles possuíam correspondiam às normas práticas das suas redes sociais. Um dos modelos ideais para os casais foi considerado o modelo da fidelidade. O modelo da fidelidade foi quase unanimidade para os entrevistados, 55% deles revelaram ser a fidelidade

fundamental para a felicidade do casal. Mas os autores chegaram às seguintes conclusões: mais importante que necessariamente a fidelidade, no mundo contemporâneo tem sido a busca pela felicidade.

Nessa pesquisa, a busca pela felicidade no casal foi identificada da seguinte forma: Primeiramente, a felicidade era um objetivo importante da vida de casal, mas outros objetivos relativizavam sua importância. Para alguns casais, a fidelidade era indispensável para a realização da felicidade do interior do casal. Para outros casais, amor e sexualidade aparecem sendo distinguidos. Ou seja, um dos integrantes do casal pode admitir ou mesmo relacionar-se com outra pessoa, além de seu companheiro, com ou sem a anuência do mesmo. Isto vai ao encontro do que identificamos nos trabalhos de Lubomira Radoilska (2003), Chaumier (2004), Daniel Welzer-Lang (2005, 2009), onde a sexualidade tem se tornado para alguns casais contemporâneos uma dimensão “recreativa”, a que será discutida mais a frente.

Podemos identificar que essas novas formas de vivência do casal têm sido atravessadas por muitas questões, inclusive econômicas. Os trabalhos de Hélène Belleau e Caroline Henchoz (2008), Agnès Martial (2008) e Céline Bessiére (2008) identificaram a dinâmica conjugal a partir do seu dinheiro. Os trabalhos apontam que o dinheiro é um ótimo medidor das relações de conjugalidade. Isto porque, segundo as autoras, a partir do dinheiro é possível se identificar como o casal se relaciona em sua intimidade. A conjugalidade nos dias atuais, com mulheres trabalhando e tendo como função também tarefas que antes eram consideradas exclusivamente dos homens têm realizado uma maior democratização das finanças do casal. As autoras apontam que nas normas igualitárias as diferenças financeiras entre o casal não são percebidas como injustas. Com isto, a partir de uma relação econômica, é possível identificar uma democratização maior, pois assim como outros elementos, o dinheiro serve como uma forma de ligação do casal, tanto quanto a sexualidade.

É interessante, pois a partir do dinheiro os casais tomam medidas mais individualizadas no processo conjugal. Segundo Martial (2008), mesmo com a igualitarização maior, ainda assim separações simbólicas devem

ser consideradas. Por exemplo, os homens se responsabilizam por contas bancárias, fixas e despesas de automóveis, enquanto as mulheres pelas contas de casa. Mas ainda assim a pesquisadora identificou também que existe uma divisão de trabalho entre homens e mulheres com relação a tarefas domésticas. Em alguns casos, mulheres controlam as finanças da família ocupando um lugar importante na relação ao cuidado dos investimentos.

Por último aparecem as transformações da conjugalidade a partir das relações entre homens e mulheres, decorrentes de uma mudança nas relações de gênero. Daniel Welzer-Lang (2009) aborda a masculinidade e as características das relações entre homens e mulheres a partir do olhar dos homens. Ele enfatiza as modificações que surgem no contexto da masculinidade sobre a questão do amor. Para ele, hoje o casal contemporâneo não se contenta com a relação familiar, ele quer o espaço do prazer e o diálogo ao mesmo tempo. O autor usa a metáfora de Bauman para falar da liquidez das relações atuais, na medida em que não existe mais a ideia de um casal único, monogâmico e eterno. Para Welzer-Lang (2009), o casal patriarcal não resistiu ao individualismo do século XIX e nem às forças dos movimentos feministas e homossexuais do século XX. Isto porque essas várias formas de vivência da sexualidade e da convivência com a intimidade fizeram com que valores, até então imóveis, começassem a se modificar. Suas discussões são as únicas que abordam a temática a partir do olhar dos homens e também serão as principais, entre os que têm apontado para uma discussão mais ampla sobre aquilo que ele denomina de uma sexualidade “recreativa” no interior do casal.

Como se pode notar, as discussões relacionadas às transformações sociais que influenciam as mudanças de conjugalidade apontam para uma diversidade significativa de fenômenos, desde mudanças na ordem histórica da conjugalidade e do casamento, a mudanças nas concepções de amor e sexualidade (JASPARD, 2005; CHAPERON, 2002; KNIBIEHLER, 2003; BOZON, 2004). Outro aspecto importante que aparece nessas transformações é o significativo papel das mudanças nas práticas sexuais que os casais contemporâneos desenvolvem. A partir principalmente do controle da natalidade. A possibilidade de controle sobre o número de

filhos que se pode e quer ter possibilitou uma vivência da sexualidade muito mais plena, tanto para mulheres quanto para homens (TOULEMON, 1994; 1995; SCALE, 1989). Este controle da natalidade possibilitou novas práticas sexuais consideradas importantes hoje na existência conjugal. Por exemplo, aumentaram muito as práticas de práticas de sexo oral e anal no interior dos casais (SIMON, 2002; GAGNON, GIAMI, MICHAELS e COLOMBY, 2001). Vale a pena dizer que mesmo não sendo talvez unanimidade tanto o sexo oral quanto o sexo anal são muito mais realizados que há décadas atrás, principalmente por casais em conjugalidade.

Laços amorosos, reflexividade e sexualidade atrelada ao amor

Sobre a discussão das transformações apontadas pelos autores, as principais têm sido aquelas que apontam a reflexividade dos casais em relação a pensar sobre o seus relacionamentos, o processo de construção de si no interior do casal; a fragilidade dos laços amorosos e como estes são constituídos na interface com a sexualidade. Por exemplo, os textos de Kaufmann (2003; 2009) e Pascal Duret (2007) ressaltam a busca da felicidade. Duret (2007) acredita que os casais procuram, à sua maneira, a felicidade e fala do problema que o envelhecimento traz para os casais. Isto porque o amor é visto como atemporal e isso, segundo o autor, constitui uma falsa ideia. Para o autor, que faz com que essa unidade chamada casal perca muito de seu sentido, é a perda do desejo e da confiança no casamento. Mas essas são transformações comuns nos relacionamentos conjugais, com o passar do tempo. O conhecimento extremo faz com que esses sujeitos tenham com muita frequência uma delimitação de si atrelada ao seu comportamento e ao do outro. Assim, o casal se torna um projeto partilhado que não deve perder a emancipação do indivíduo. A rotinização da atividade sexual faz com que muitos casais entrem em uma lógica de “abertura”, permitida como forma de não perder o projeto de vida em comum. Outra prática é que alguns hábitos sexuais, como transar em lugares diferentes, são

introduzidos na vida conjugal, mas de alguma forma eles combinam o risco com o desejo para constituir novamente a atração sexual.

Kaufmann (2009) utiliza a ideia de crença no amor feliz para abordar a discussão sobre o tema. Ele também aponta a importância de se compreender a relação evocada pelo amor, quando tratamos de intimidade e subjetivação. O autor aponta que o fato de casais poderem discutir de forma mais aberta os projetos de ter ou não filhos, criou um campo de possibilidades de exercício da sexualidade muito maior para os casais nos dias de hoje. Posição também defendida por Welzer-Lang (2005; 2009). Para Kauffman (2009), o casal se torna a salvaguarda para os sujeitos contemporâneos fugirem do individualismo contemporâneo. Mas ser feliz é uma prerrogativa para estar casado, sem ela o sujeito se separa. O dilema do casal moderno é viver a dois pensando cada um em si mesmo. Para ele é impossível viver um encontro amoroso sem a morte do si mesmo, pois o casal constitui uma outra identidade, o casal (KAUFMANN, 2003). O casamento muitas vezes acaba por ter os dois se desmotivado da relação, ou por ela ser uma relação que o autor identifica como uma batalha constante.

Para tanto, podemos imaginar existe uma dificuldade muito grande no casal contemporâneo para constituir esta diferenciação de si em relação ao outro, mas também pela constituição de si, que é como se forma o casal. Isto porque a sexualidade e o amor acabam tomando uma dimensão exponencial na vida do casal conjugal moderno. Isto pode explicar, por exemplo, porque o casal no início da interação é avaliado como melhor e posteriormente é percebido de como menos feliz (KAUFMANN, 2009).

A chamada conversa sobre sexualidade entre o casal pode ser uma das questões que faz com que, para Kaufmann (2009), a ligação entre o casal seja mais forte no início, quando há um período de apaixonamento. A partir daí, o autor revela que o casal passa para uma intimidade mais essencial para o relacionamento e um conhecimento mútuo cada vez mais elevado. O que acontece é que, em busca da felicidade, muitas vezes o relacionamento do casal aponta para uma abnegação pessoal de si, pois os desejos pessoais, motivados por um processo de diferenciação, podem colocar o casal em

risco. Isto porque a constituição do casal é uma forma de interiorização de uma nova forma de existência, aquela vivida a dois.

Welzer-Lang (2009) aponta que essa forma de vivência a dois pode ser aquilo que ele identifica de uma vivência compartilhada do casal. O autor chama de utopias conjugais a relação estabelecida de novas formas de vivência da conjugalidade, onde existe um compartilhamento maior entre, o casal. Para o autor, é essa uma das difíceis tarefas a que os cônjuges se propõem, na luta pela superação do individualismo. Isso porque, para ele, o casal se inscreve em uma construção de valores cada vez mais particularizados, onde os códigos e regras são cada vez mais construídos em um tipo de conjugalidade específica fundadas no contrato entre os dois e menos na tradição. Isso torna a conjugalidade cada vez mais particular. Esses contratos segundo o autor são aqueles que permitem a esse casal realizar atividades que não são mais necessariamente pautadas na tradição, mas na reflexividade dos dois. O autor aponta que para isto o critério confiança foi o alicerce que fez o casal se estabelecer, mas esse critério tem se modificado um pouco com o tempo. A confiança parece para Welzer-Lang (2009) quase como um projeto, pois ela se torna uma relação que tem uma “fronteira que se move” e “um território que varia”, ou seja ela será constituída a partir da individualização das normas que os casais estabelecem entre si, no interior de sua própria relação.

A sexualidade recreativa: novas formas de conjugalidade

Esta temática apareceu também nos estudos sobre conjugalidade, principalmente nos textos mais recentes. Um estudo clássico sobre esta temática foi o de Welzer-Lang (2005) que abordou o mundo do *l'échangisme*, conhecido no Brasil como troca de casais ou swing. Essa não foi a única categoria, pois outras também apareceram em Chaumier (2004) que abordou temáticas como o casamento aberto e Radu Clit (2004) que abordou as práticas sexuais em grupo.

Especificamente sobre a sexualidade do casal, Welzer-Lang (2005) ressalta que o swing se constitui como uma prática de sexualidade

comumente acordada entre o casal, mas que isto existe a partir de uma forma de dominação masculina, pois na maioria das vezes o mesmo é idealizado pelos homens, para ter acesso às mulheres dos outros casais sem precisar romper com o próprio relacionamento. Ele acredita que o swing é uma forma de poligamia masculina contemporânea. Em seu estudo os casais de maneira geral buscam no swing: 1) laços sociais; 2) evitar a diminuição do erotismo; 3) a busca por prazeres diferentes; 4) preocupações para evitar o fim dos laços da conjugalidade. Essas questões postas pelo autor também aparecem em textos de Chaumier (2004), que discute a crise da conjugalidade como resultado das transformações afetivas sexuais, o que faz com que as pessoas procurem outras alternativas para manter a conjugalidade ainda como uma possibilidade a ser vivida.

Para Chaumier (2004), isso pode ser visto como resultado de uma desinstitucionalização do amor, principalmente nos relacionamentos mais contemporâneos. Desta forma, os casais mantêm contrato de liberdade mútua para realizar suas fantasias, isto com uma negociação entre os cônjuges. Ele faz uma crítica ao chamado amor fusional, pois o casal atual se faz no projeto e não na fusão. Existe uma distinção entre o casal fusional, que perde a sua autonomia, algo que acaba sendo difícil nos dias atuais, e o casal fissional, que prevê um grau de liberdade e autonomia muito grande para cada indivíduo que o compõe. Para o autor isto é provocado pelas mulheres que têm procurado se emancipar das formas tradicionais dos relacionamentos de conjugalidade. Mas vale a pena ressaltar que o seu pensamento confronta-se com o de Welzer-Lang (2005), que aponta essa forma de abertura como uma forma de dominação dos homens. Para Chaumier (2004) uma das grandes dificuldades do casal é compor uma terceira história, a do casal, constituindo uma identidade conjunta a partir de duas individualidades em sociedades que valorizam fortemente o individualismo (KAUFMANN, 2003).

Para Chaumier (2004), portanto, este contrato de uma maior liberdade entre os cônjuges, mesmo que os mesmos estabeleçam uma forma de realização singular inclusive da sexualidade como meio para o exercício de

autonomia entre eles, faz com que o casal dito fissional seja estabelecido pela confiança e o diálogo realizado entre si. Mas para o autor o swing quando realizado pelos dois cônjuges juntos, ainda cria uma autonomia controlada pelo casal. Ou seja, podemos dizer que esta prática seria também uma forma de exercício do casal fusional, pois existe uma cumplicidade muito grande entre os dois para essa prática, quando realizada não individualmente.

O aspecto da sexualidade como recreação foi apontada também por autores como Radoilska (2003), que fez uma análise a partir do cinema. Nesse trabalho, ela discute o paradigma entre a exposição da sexualidade ou da vivência da mesma somente no interior da conjugalidade. Para isso, ela fez uma análise do filme intitulado *Et si on parlait d'amour...* considerado uma crítica ao discurso do amor único. Uma das histórias do filme é a de um casal que pratica swing há trinta anos e mantém o relacionamento intacto, ou seja, preserva o relacionamento há muito tempo, mesmo havendo uma prática sexual não monogâmica no interior de sua relação. Nesse texto, a autora aponta a distância entre sexualidade e sentimentos amorosos. Isso porque, para ela, no mundo contemporâneo existe uma relação de democratização maior das experiências sexuais, além de hoje se ter de forma mais clara a ideia de que o corpo é um instrumento onde se dá e se obtém prazer a partir de si mesmo e do outro. Ela aponta que a sexualidade é percebida como um campo de experimentação, conforme o livro de *La vie sexuelle* de Catherine M. Isto também pode ser compreendido no texto de Marc Bessin (2009) que apresenta o quanto a pornografia tem sido de maior consumo entre adultos e como hoje ela pode ser integrada na conjugalidade inclusive pelas mulheres, que até então não a toleravam. Isso muitas vezes é realizado como uma forma do casal (inclusive os de mais idade) continuar a ter uma vida sexual satisfatória e ampliar o repertório de sexualidade que tinha no passado. Isso, inclusive, ampliando a sexualidade não penetrativa que constitui uma nova ordem na sexualidade do casal.

A discussão da sexualidade realmente é de suma importância em textos que a abordam a partir de uma perspectiva psicanalítica. Segundo

Paul-Laurent Assoun (2009), a sexualidade constitui uma parte fundamental da vida do casal. Ele acredita que esta é uma busca cada vez maior por parte dos casais e esta busca muitas vezes torna estes casais mais frágeis, se os mesmos não souberem construir relações que combatam a chamada rotina do casal. Para ele, isso pode ser demonstrado através da perda do desejo, consequência do relacionamento sexual casal depois de uma fase de intenso apaixonamento. Ele aponta que isso pode se dar devido a uma proximidade extrema. Aqui é possível fazer uma relação com essa chamada proximidade e aquilo que Chaumier (2004) aponta como casal fusional. É claro que este casal fusional descrito por ele pode ser tanto aquele que se desconstitui como sujeito vivendo somente a identidade do casal ou aquele casal que parte para um projeto de vida sexual partilhada através do swing como aponta Welzer-Lang (2005).

O problema apontado por Assoun (2009) é que o casal por estar próximo demais se torna distante. Ele também aponta que muitas vezes o casal acaba voltando para práticas sexuais recreativas como o swing, apesar do autor não aprofundar a discussão ele aponta que essa é uma forma do casal tentar se re-erotizar. Para o autor, a distância faz com que o desejo surja novamente pelo casal. Aqui pode se ver que existe uma semelhança entre o pensamento do autor e de Chaumier (2004), onde a possibilidade de acontecer um amor que seja fissional, que separe as identidades dos sujeitos, faz com que a possibilidade de se manter seja maior.

Podemos identificar que essas mudanças incluindo dimensões recreativas e não reprodutivas da sexualidade têm relatos históricos que foram acontecendo desde os anos 50, quando houve a partir dos filmes de Hollywood uma migração do beijo para o interior da relação sexual onde as práticas sexuais a partir de então passaram a ser acompanhadas por ele. Além disso, isso fez com que as práticas sexuais no interior das relações dos casais mudassem nas últimas décadas de forma consistente (LAGRANGE, 1998). Mas para Bessin (2009) em entrevista com Bozon a grande mudança nas relações de sexualidade está atrelada à mudança de comportamento das mulheres. As mulheres iniciam-se sexualmente quatro anos mais cedo no

início do século XXI que nos anos 40. Podemos identificar com isto que a mudança da perspectiva reprodutiva da sexualidade, para uma que concebe a sexualidade sob uma ótica do prazer, fez com que os casais se configurassem de forma ainda mais fusional, principalmente tendo em vista a identidade formada pelo casal após sua união. Assim, com essa configuração de uma sexualidade considerada pelos autores como recreativa, a vida sexual tem fundamental importância tanto na vida adulta quanto na velhice.

Considerações finais

O presente trabalho identificou que a discussão sobre sexualidade não é recente, mas tem sido nas últimas décadas, principalmente a partir da liberdade sexual e controle de natalidade das mulheres, cada vez mais presente nos estudos franceses.

Primeiro surgiram textos que abordaram as mudanças no casal a partir das transformações sociais e econômicas. Esses estudos demonstraram o quanto, a partir da nova colocação das mulheres nas relações de trabalho e mesmo nas decisões sobre as finanças do casal, têm mudado as relações de conjugalidade. Esses trabalhos apresentaram como essas relações modificaram a sexualidade no interior da conjugalidade. De uma sexualidade reprodutiva para uma sexualidade vivenciada sem a preocupação de uma gravidez, fez com que as mulheres tivessem uma possibilidade maior de negociação no âmbito da conjugalidade. Esses estudos abordam tal fenômeno identificando suas mudanças através da história da conjugalidade e sexualidade na França. As discussões principais estão relacionadas a nova constituição de conjugalidade a partir de uma forma de construção de uma identidade do casal. Essa forma é concorrente ao individualismo moderno, que traz problemas para o projeto desses casais.

Outro conjunto de estudos relacionam reflexividade, individualidade e sexualidade atreladas ao amor. Nesses, o principal foco identificou como os casais contemporâneos estruturam suas relações a partir do ideal do amor. O amor é visto como um projeto a ser constituído pelos dois e

as discussões são construídas a partir de um exercício da sexualidade cada vez mais partilhada por ambos. Ainda neste tópico, existe uma crença na felicidade amorosa e essa é buscada nas relações do casal, através de uma vivência maior da sexualidade, ou mesmo de um projeto de vida a dois que possibilite um diálogo maior.

Por último, um número menor de textos aborda uma discussão até então pouco conhecida no âmbito do casal heterossexual. Aparecem textos que têm abordado a sexualidade do casal a partir de uma perspectiva que autores como Welzer Lang e Chaumier chamam de recreativa. Essa perspectiva consiste em casais que têm em seu projeto de vida a dois, mas a sexualidade está relacionada ou a uma vivência partilhada através de práticas de sexo compartilhado com outras pessoas ou casais, ou ainda naquilo que autores identificaram como uma prática individual sem perder o projeto de vida conjugal. Esses estudos aparecem em menor número que os demais, mas demonstram certa relevância pois apresentam transformações significativas na vida do casal a partir destas novas representações de sexualidade vivida a dois.

O que os textos, de maneira geral, apresentam é que a conjugalidade antes de mais nada está presente sob forma de projeto de vida a dois, projeto não necessariamente de família nos moldes tradicionais, mas sim de vivência partilhada. Os textos abordam diversas mudanças no âmbito do casamento, mas ainda assim é muito presente o quanto esse está ainda constituído como uma presença importante na vida dos sujeitos e o quanto as modificações do casamento estão se dando no sentido de fazer com que a união prospere. Assim, é interessante perceber que, ao contrário do que se imagina, os textos apontam que apesar das modificações, a conjugalidade ainda tem sido objeto de investimento por parte dos casais.

Referências

ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia Ciência e profissão*, v. 22, n. 2, p.70-77, jun. 2002.

ASSOUN, Paul-Laurent. “Le lien sexuel, l’inconscient en couple”. *Dialogue*, n.183, p. 25-34, 2009.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2000.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. “Família, moralidade e religião: tensões contrastivas contemporâneas em busca de um modelo”. In: VELHO, Gilberto; DUARTE, Luiz Fernando. (Orgs.). *Gerações, família, sexualidade*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009. p. 46-62.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BELLEAU, Helene; HENCHOZ, Caroline. “Introdução”. In: BELLEAU, Hélène e HENCHOZ, Caroline. *L’usage de l’argent dans le couple: pratiques et perceptions des comptes amoureux*. Paris: L’Harmatan, 2008. p. 7-31.

BESSIÈRE, Céline. “Lê soi, lê couple et la maisonnée exploitante : l’argent dans les couples mixtes agriculteur/salariée en France”. In: BELLEAU, Hélène; HENCHOZ, Caroline. *L’usage de l’argent dans le couple: pratiques et perceptions des comptes amoureux*. Paris: L’Harmatan, 2008. p. 297-323.

BESSIN, Marc. “Les âges de la sexualité. Entretien avec Michel Bozon”. *Mouvements*, n. 59, 2009.

BOZON, Michel. “Fourier, le Nouveau Monde Amoureux et mai 1968. Politique des passions, égalité des sexes et sciences sociales”. *Clio. Histoire, femmes et sociétés*, n. 22, 2005. Disponível em: <http://clio.revues.org/1758#text>. Acesso em 10 de julho de 2014.

_____. “Les cadres sociaux de la sexualité”. *Sociétés contemporaines*, n. 41-42, p. 5-9, 2001.

_____. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BOZON, Michel; HEILBORN, Maria Luiza. “As carícias e as palavras: iniciação sexual no Rio de Janeiro e em Paris”. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 59, p. 111-135, março de 2001.

BRUXEL, Karin. *Os espaços da casa e a cama de casal*. 1995. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

CHAPERON, Sylvie. “L’histoire contemporaine des sexualités en France”. *Vingtième Siècle. Revue d’histoire*, n. 75, p. 47-59, 2002.

CHAUMIER, Serge. *La déliaison amoureuse: de la fusion romantique au désir d’indépendance*. Paris: Payot, 2004.

CLIT, Radu. “La sexualité: entre groupe et couple”. *Revue de psychothérapie psychanalytique de groupe*, n. 43, v. 2, p. 119-129, 2004.

DELBÈS, Christiane and GAYMU, Joëlle. “L’automne de l’amour: la vie sexuelle après 50 ans”. *Population*, v. 52, n. 6, p. 1439-1483, nov-dec, 1997.

DUARTE, Luiz Fernando. “Família, moralidade e religião: tensões contrastivas contemporâneas em busca de um modelo”. In: VELHO, Gilberto, DUARTE, Luiz Fernando. (Orgs.). *Gerações, família, sexualidade*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009. p. 17-46.

DURET, Pascal. *Le couple face au temps*. Paris: A. Colin, 2007.

ELIAS, Maria Conceição Jorgino; SCANDOLA, Estela Márcia. “Relações de poder entre casais de homoafetivos na perspectiva de gênero”. In: CURADO, J. AUAD, D. (Orgs.). *Gênero e políticas públicas: a construção de uma experiência de formação*. Campo Grande: UCDB, 2008. p. 102-107.

FERRAND, Alexis, MOUNIER, Lise. “L’échange de paroles sur la sexualité : une analyse des relations de confiance”. *Population*, n. 5, p. 1451-1476, 1993.

GAGNON, John H; GIAMI, Alain; MICHAELS, Stuart; COLOMBY, Patrick de. “A comparative study of the couple in the social organization of sexuality in France and the United States”. *The Journal of Sex Research*, v. 38, n. 1, p. 24-34, 2001.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades*. São Paulo: UNESP, 1993.

HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

JASPARD, Maryse. *Sociologie des comportements sexuels*. Paris: La Découverte, 2005.

KAUFMANN, Jean-Claude. *L’étrange histoire de l’amour heureux*. Paris: Armand Colin, 2009.

----- . Sociologie du couple. Paris: PUF, 2003.

KNIBIEHLER, Yvonne. “Grossesse et sexualité: regards sur le passé”. *Spirale*, n. 26, p. 19-27, 2003/2.

LAGRANGE, Hugues. “Le sexe apprivoisé ou l’invention du flirt”. *Revue française de sociologie*, v. 39, n. 1, p. 139-175, jan.-mar. 1998.

LATOUR, Charles-Henry Pradelles de. “Quand la sexualité et la procréation sont séparées”. *Clinique méditerranéenne*, n. 63, p. 13-101, 2001.

LERIDON, Henri. “Le nombre de partenaires: un certain rapprochement entre les femmes et les hommes, mais des comportements encore très différents”. In: BAJOS, M.; BOZON, M. *Enquête sur la sexualité en France: pratiques, genre et santé*. Paris: La Découverte, 2008. p. 215-242.

LEVINSON, Sharman. *Les “histoires de référence”: cadres socio-temporels et représentations des premières relations sexuelles*. 2001. Tese de Doutorado em Psicologia Social – Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales.

LUHMANN, Niklas. *Amour comme passion: de la codification de l’intimité*. Paris: Aubier, 1990.

MARQUET, Jacques; HUYNEN, Philippe; FERRAN, Alexis. “Modèles de sexualité conjugale de l’influence normative du réseau social”. *Population*, n. 6, p. 1401-1438, 1997.

MARTIAL, Agnes. “Les comptes amoureux: une ethnographie des finances conjugales”. In: BELLEAU, Hélène; HENCHOZ, Caroline. *L’usage de l’argent dans le couple: pratiques et perceptions des comptes amoureux*. Paris : L’Harmatan, 2008. p. 219-258.

MATOS, Marlise. *Reinvenções do vínculo amoroso: cultura e identidade de gênero na modernidade tardia*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2000.

NEVES, Ana Sofia Antunes das. “As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”?”. *Revista Estudos Feministas*, v. 15, n. 3, p. 609-627, setembro-dezembro 2007.

OLTRAMARI, Leandro C. “Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura”. *Psicologia em Estudo*, v. 14, n. 4, p. 669-677, 2009.

OLTRAMARI, Leandro C.; GROSSI, Miriam. “O Amor híbrido: concepções de amor no mundo contemporâneo”. In: LAGO, M. C. S.; GROSSI, M. P.; NUERNBERG, A. H. (Orgs.). *Estudos in(ter)disciplinados: gênero, feminismos, sexualidades e conjugalidades na contemporaneidade*. Florianópolis: Mulheres, 2010. p. 371-389.

QUINODOZ, Danielle. “Quand Éros prend de l’âge: réapprendre à aimer en couple”. *Dialogue*, n. 188, p. 19-27, 2010.

RADOILSKA, Lubomira. “La sexualité à mi-chemin entre l’intimité et le grand public”. *Cités*, n. 15, p. 31-42, 2003.

REBREYEND, Anne-Claire. “Comment écrire l’histoire des sexualités au XXe siècle?”. CLIO. *Histoire, femmes et sociétés*, n. 22, p. 185-209, 2005. Disponível em: <<http://clio.revues.org/index1758.html>>. Acesso em 10 de julho de 2010.

_____. “Sexualités vécues. France 1920-1970”. CLIO. *Histoire, femmes et sociétés*, n. 18, p. 209-222, 2003. Disponível em: <<http://clio.revues.org/index622.html>>. Acesso em 10 de Julho de 2010.

SCALE, Jessica. “Couple et génération: une histoire de haine et d’amour”. Vingtième Siècle. *Revue d’histoire*, n. 22, p. 53-62, 1989.

SIMON, Patrick. “Révolution sexuelle ou individualisation de la sexualité? Entretien avec Michel Bozon”. *Mouvements*, n. 20, p. 15-22, mars-avril 2002.

TOULEMON, Laurent. “La place des enfants dans l’histoire des couples”. *Population*, v. 49, n. 6, p. 1321-1345, 1994.

_____. “Très peu de couples restent volontairement sans enfant”. *Population*, v. 50, n. 4-5, p. 1079-1109, 1995.

VON DER WEID, Olivia. *Adultério consentido: gênero, corpo e sexualidade na prática do swing*. 2008. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. “Troca de casais: gênero e sexualidade nos novos arranjos conjugais”. In: GOLDENBERG, M. (Org.). *O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira*. Barueri: Estação das Letras e Cores Editora, 2007.

_____. “Swing, o adultério consentido”. *Revista Estudos Feministas*, v. 18, n. 3, p. 789-810, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000300009&lng=pt&nrm=iso>.. doi: 10.1590/S0104-026X2010000300009. Acessado em 30 março de 2011.

WELZER-LANG, Daniel. *La planète échangiste: les sexualités collectives en France*. Paris: Payot, 2005.

_____. *Nous, les mecs: essai sur le trouble des hommes*. Paris: Payot et Rivages, 2009.

_____. *Utopies conjugales*. Paris: Payot et Rivages, 2009.